

MICROSCÓPIO

RAUL PILLA

O Conselho da ONU deliberou ser lícito a cada uma das nações componentes restabelecer as suas relações diplomáticas normais com a Espanha. E, segundo parece, ao Brasil coube a glória da iniciativa.

Que significa isto? Evidentemente, que a ONU não é uma associação internacional fundada em leis morais, uma sociedade onde a liberdade humana seja essencial e da qual se seguem os membros criminosos ou indignos. O regime de Franco nasceu da traição à democracia e da negação de todos os direitos humanos ter havido. É uma ditadura torva e sangrenta. Admitir a Espanha no concerto das nações livres o mesmo é que sentar à nossa mesa o criminoso impenitente, pois, se muitas ditaduras caíram, a de Franco continua em pleno vigor, sem ter recebido a menor itenuação.

Dir-se-á que da ONU faz parte outra ditadura, por certo pior que a espanhola. É verdade. Mas a Rússia foi uma das nações vencedoras na guerra contra as potências totalitárias do oeste e impossível era excluí-la do convívio internacional após a vitória comum. Ela constituiu, na ONU, o que se pode chamar um mal necessário. Por que se não há-de acrescentar agora a vergonha do franquismo, senão para patentear a ausência de todo critério moral?

Para contrabalançar a Rússia. Eis aí o trágico equívoco, em que muita gente de boa fé se caíde. Não se pode neutralizar um extremismo com o extremismo oposto. Longe de se anularem, eles se ignoram reciprocamente. Assim como alguns se lançam ao fascismo para combater o comunismo, outros se lançam ao comunismo para fazer face ao fascismo. E o resultado final é a exultação de ambos os extremismos.

A verdade é por si tão clara que não merece a menor demonstração e que a Espanha não só por atenuação de pena se livrou da fúria e deplorável situação que lhe sobrevieram no Brasil, como deve ter sido a mesma coisa para as outras nações que não quiseram pensar